

ESTUDOS SOBRE GÊNERO NA GUINÉ-BISSAU: IMPORTÂNCIA DA MULHER NO ÂMBITO SOCIOCULTURAL

LÚCIA PEDEBOT CASIMIRO DE SÁ

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO
BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

E-mail: ludesaa11@hotmail.com

RESUMO

Este artigo propôs analisar a importância das mulheres no âmbito sociocultural na Guiné-Bissau. A temática estudos sobre gênero na Guiné-Bissau, importância da mulher no âmbito sociocultural, é muito relevante e fundamental para toda a sociedade em geral, em especial na Guiné-Bissau. Sabendo que ao longo da história da nossa cultura, a representação da mulher acaba caindo no papel de inútil, subjugada, onde as mulheres heroínas, muitas das vezes, acabam ficando fora das narrativas. Metodologicamente, esse trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com finalidade descritiva e exploratória, com base na leitura dos materiais acadêmicos e científicos. Socialmente, espera-se que esse trabalho possa mostrar que os papéis sociais das mulheres e as reproduções deles são necessárias, no entanto, merece uma atenção para melhorar o conceito de gênero e o reconhecimento do trabalho da mulher e pensar a sua historicidade. Academicamente, espera-se que esse trabalho possa auxiliar na sustentação para uma futura produção acadêmica.

Palavras-chave: Estudo. Gênero. Mulher. Guiné-Bissau

ABSTRACT

This article Propose to analyzer the importance of women in the sociocultural context in Guinea-Bissau. The theme is concern studies on gender in Guinea-Bissau, the importance of women in the sociocultural context, it's extremely important and fundamental for the whole society in general, especially in Guinea-Bissau. Knowing that throughout the history of our

culture, the woman's representation ends up falling into the role of useless, subjugated, most of the time, they end up left out of narratives. Methodologically, this work is research with a qualitative approach, with a descriptive and exploratory purpose, based on the reading of academic and scientific materials. Socially, with the expectation that, this work will show and highlight the woman's social role, on top of that, understanding the fact that their reproductions are necessary, however, they deserve attention to improve the concept of gender and the recognition of women's work and think about its historicity. Considering the fact of this academic research, it's expected that this work might help support future academic production.

Keywords: Study. Gender. Woman. Guinea-Bissau.

1

¹ Acadêmica de Curso de Licenciatura em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Data de Aprovação do Trabalho: 10-07-2023.
Email: ludesaa11@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar a importância das mulheres no âmbito sociocultural na Guiné-Bissau. O país em estudo localizado na costa ocidental da África, estendendo-se por uma área de 36.125km. A superfície habitável é apenas de 24.800km², limitado ao norte pela República do Senegal, a leste e ao sul pela República da Guiné-Conakry. Em toda a sua extensão ocidental, a Guiné-Bissau é banhada pelo Oceano Atlântico (AUGEL, 2007). O interesse pela temática se deu com alguns textos da disciplina de Sociologia Africana II, que abordavam questões relacionados ao assunto, tive oportunidade de ler esses textos onde percebi que as mulheres sempre acabam sendo discriminadas pelo simples fato de serem mulheres. Outra motivação é compreender a contribuição do poder público guineense no desenvolvimento das mulheres que tanto contribuíram para o alcance da independência do país. A partir disso, partimos dos seguintes problemas; qual é a contribuição das mulheres guineenses no processo da libertação do país? Será que a desigualdade de gênero na Guiné-Bissau advém, a partir de questões históricas e culturais? Durante toda minha infância até a fase adulta, percebi que as mulheres sempre têm que servir os homens e, não enxergava isso como um problema de gênero, ao meu entender, era uma coisa simples e natural. Contudo, era uma coisa naturalizada em quase todas as famílias, principalmente nas zonas rurais onde, as questões culturais são mais enraizadas.

A questão de “gênero” é uma construção social para compreender como identidades e relações sociais são construídas culturalmente, tendo como sustentação a diferenciação e a desigualdade, que foi sendo convertido como uma categoria política orientada no sentido da redefinição das relações de poder, público e privado, entre homens e mulheres. Todavia, essa construção social muitas das vezes dificulta a posição das mulheres na sociedade.

A categoria “gênero”, para Gomes, se estabeleceu para indicar a construção social das diferenças e das desigualdades particularidades das sociedades humanas. Para ela, o “gênero” foi sendo contemplado como uma categoria política voltada na lógica da redefinição das relações de poder, público privado, entre homens e mulheres, simultaneamente em que se transformava numa categoria epistemológica, de pesquisa, finalizada a refundar os processos de conhecimento. (GOMES, 2015).

Segundo Gomes (2015), no contexto da Guiné-Bissau, que é considerado um país de “segunda descolonização” que já é independente, desde setembro de 1973, que teve um incompreensível percurso histórico e político nas quais assumiram particular importância no período do colonialismo português e da luta da libertação pela independência do país. Porém,

o processo da edificação do Guiné-Bissau que se segue se traduz na persistência de transformação do sistema deixado pelo colonialismo, com ajuda da implementação de reformas profundas no aparelho de estado. Portanto, de acordo com Gomes, (2015) o processo da independência teve sucesso graças à população que deram um grande suporte, contudo, à competência de liderança de PAIGC e de Amílcar Lopes Cabral, nessas circunstâncias, a participação das mulheres foi considerável e possibilitou alcançar os objetivos no que diz respeito a organização das novas instituições nas áreas que foram libertas.

Para Gomes (2015), as mulheres guineenses tiveram um papel relevante em alguns setores, mostrando que a participação feminina no processo da libertação contribuiu, positivamente, para o alcance da mudança de mentalidades sociais. Contudo, os anos seguintes à independência da Guiné-Bissau, as mulheres foram relegadas a uma posição de inferioridade na sociedade, especialmente no campo política e nos cargos de decisão e uma considerável continuidade relativamente aos objetivos da luta armada, sobretudo nos campos da saúde e da educação.

Por outro lado, as autoras Gomes e Monteiro (2020), afirmaram que a república da Guiné-Bissau deu relevância à participação ativa das mulheres em diferentes perspectivas da realidade política, social e econômica desde os períodos de luta nacional de libertação, dando o exemplo, a promoção dos direitos das mulheres que foi assegurado pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em diferentes aspectos.

De acordo com Moreira (2017) a construção de masculinidades e feminilidades na Guiné-Bissau é estabelecida por contextos históricos, sociais e políticos específicos, por simbolismos, práticas e rituais de iniciação, que buscam definir a identidade dos indivíduos, que permite distinguir, categorizar e enfatizando as desigualdades não só entre homens e mulheres, entretanto, essas diferenças também se categorizam em relação ao gênero. Na Guiné-Bissau as posições de lideranças são ocupadas majoritariamente por homens e os trabalhos de cuidados, ficam para as mulheres, porém, ao longo dos anos, as mulheres vêm se lutando para a equidade de gênero e desmistificação dessa exclusão.

A temática estudos sobre gênero na Guiné-Bissau, importância da mulher no âmbito sociocultural, é muito relevante e fundamental para toda a sociedade, em especial na Guiné-Bissau, devido a um processo histórico, as mulheres estiveram confinadas dentro do lar por muitos anos, sendo encarregados pelos trabalhos domésticos, e funções de esposa e mãe. Alguns fatores culturais impediam com que elas, deixassem os serviços domésticos para trabalharem fora de casa. Para tanto, as mulheres eram tratadas como um objeto de procriação

e cuidadoras e sendo propriedade dos homens, elas também deveriam ser obedientes e subordinadas.

No cenário guineense, os homens são considerados responsáveis da família, o único capais de proteger e dar sustento, enquanto as mulheres são ensinadas a cuidar dos filhos e da casa (SEMEDO e BARROS, 2013).

O nosso trabalho justifica-se por ser uma temática extremamente relevante e necessária para a sociedade. Compreendendo que ao longo da história da nossa cultura, a representação da mulher acaba caindo no papel de imprestável, desnecessário, onde as s mulheres heroínas, muitas das vezes, acabam ficando fora das narrativas. Socialmente, espero que esse trabalho mostre que os papéis sociais das mulheres e as reproduções deles são necessárias, no entanto, merece uma atenção para melhorar o conceito de gênero e o reconhecimento do trabalho da mulher e pensar a sua historicidade. Academicamente, espera-se que esse trabalho possa ajudar no suporte para uma futura produção acadêmica. Metodologicamente esse trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com finalidade descritiva e exploratória, com base na leitura dos materiais acadêmicos e científicos.

Por fim, o trabalho está em quatro tópicos, contando com a introdução e conclusão. A primeira sessão é a introdução e na segunda, abordaremos sobre a luta e forma de organização feminina em África; na terceira, abordaremos a questão de participação das mulheres guineense na política e na tomada de decisões, e pôr fim a conclusão.

2 LUTA E FORMA DE ORGANIZAÇÃO FEMININA EM GUINÉ-BISSAU

Muitas das vezes, as mulheres são enxergadas como ajudantes dos homens nos locais de trabalho, essa falta de reconhecimento social acaba tornando elas invisíveis. No entanto, a organização feminina, ajuda na luta para o reconhecimento e o acesso aos direitos sociais. As teorias políticas feministas, bem como as análises empíricas das desigualdades de gênero, apontam que as atribuições das características ou rótulos atribuídos às mulheres são recorrentes em diferentes culturas do mundo (SANCA, 2019).

Para Silva, (2018), o processo de lutas e as organizações de mulheres em África, surgiu a partir questionamentos quanto à legitimidade do poder político masculino, pela luta contra as opressões de gênero e contra as leis sexistas vigentes em vários países. Entretanto, segundo o autor mencionado acima, nos anos de 1960, surge o Pan-African Women's Liberation Organization (PAWLO), para estabelecer as problemáticas de gênero como uma questão importante nas agendas sociais, especialmente, no âmbito das lutas nacionalistas e anticoloniais.

No que diz respeito a grupos de Madjuandade, M'bundé (2021), ressalta que, a organização social dos grupos culturais de mandjuandade, é uma forma de busca de lugar de tomada das decisões que as mulheres guineenses encontraram que, de alguma forma, influência em suas posições hierárquica no contexto social e econômico. Contudo, mostrando ainda que a participação ativa dessas mulheres a demanda da emancipação se desenvolveu em diversas esferas como na política, social, econômico e cultural.

“Mas, independentemente disso, a mulher guineense tem estado a dar as suas contribuições ao país, tanto na área social quanto na área política, cultural e econômica. No que refere à área social, a iniciativa de criar associações como mandjuandade, que é uma coletividade, ou um grupo de associativismo, em que os integrantes se agrupam com base na faixa etária, e que se organizam para confraternizações e apoio mútuo em ocasiões ou circunstâncias diversas (por exemplo, em batizados ou em cerimônias de toca choro)”. (M'BUNDÉ, 2021, p. 3).

As organizações culturais das mulheres como Mandjuandadi ou de Camaradia, é um espaço onde algumas mulheres se sentem acolhidos por ser um lugar de confraternização entre elas, esses espaços proporcionam liberdade a elas, oferecendo diferentes atividades como: “diversão, mostrar façanha, beleza, exhibir vozes”. Entretanto, elas usam esse ambiente

de camaradagem como refúgio das mulheres que sofre diferentes tipos de violência, como a doméstica, física, psicológica e econômica. Essas organizações proporcionam a liberdade de expressão para os membros através das músicas que são cantadas não só para divertimento, mas também, como uma forma de manifestação e de posicionamento para fazer uma crítica construtiva para a sociedade guineense (SANCA, 2019).

As mulheres guineenses usam as práticas associativas para construir redes de relações sociais desvinculado do universo familiar, dando a oportunidade de sobrevivência para essas mulheres e a promoção socioeconômica com base em relações sociais voluntárias, que implicam confiança e solidariedade (BORGES, 2005).

A criada uma União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo Verde (UDEMU). Com aponta Gomes (2013), essa união se deu início no período da luta armada. Para dar importância o papel das mulheres na formação e no desenvolvimento do feminismo. No entanto, essa organização que foi respaldada em Conacri no ano de 1961, com finalidade de impulsionar as mulheres para melhor engajamento no processo da luta armada da Guiné e Cabo-Verde. Também, “Em 2008, foi criada a Plataforma Política das Mulheres de Guiné-Bissau, que agrega todas as associações femininas existentes no país, procura estimular a inclusão das mulheres nos espaços políticos” (SILVA, 2018, p. 977).

Conforme Gomes, o fato de a UDEMU ter assumido principalmente uma função internacional no sentido da captação de recursos materiais e financeiros para o desenvolvimento da luta armada, porém, tendo um pequeno comprometimento relativamente com as lutas feministas, estabeleceram motivos de enfraquecimento e de desintegração da organização enquanto movimento político (GOMES, 2016).

De acordo com Gomes, no ano de 1983, foi realizado em Bissau uma reunião internacional sobre a história e contribuição das mulheres nas lutas de libertação, o papel por elas desempenhado e os desafios pós-independência. Entretanto, o congresso teve como participantes, as pesquisadoras das ex-colônias portuguesas, do Zimbábue, da Namíbia e da África do Sul, contaram também com a participação das representantes de organizações e associações de promoção da condição feminina, em África e no mundo, representantes de partidos políticos e movimentos de libertação, representantes dos governos. No entanto, o encontro assumiu grande importância no quadro geral dos processos de construção, por duas razões: em primeiro lugar, foi um fórum científico em que, pela primeira vez, se reuniam mulheres pesquisadoras africanas das ex-colônias portuguesas e de países onde ainda prevaleciam regimes segregacionistas, altos representantes políticos, representantes de

organizações e associações internacionais, visando discutir as questões femininas, a partir das mulheres, e partilhar as próprias experiências.

“Além disso, de acordo com Silva, o Gabinete Integrado das Nações Unidas para Consolidação da Paz na Guiné-Bissau (UNIOGBIS), através da seção voltada para os Assuntos Políticos, Gênero e Informação Pública, tem procurado capacitar as guineenses quanto à participação efetiva na tomada de decisão e inserção na esfera política. Dentre as principais recomendações é possível citar a concessão de linhas de crédito exclusivas para as mulheres, criação de observatórios das organizações femininas, fóruns e redes associativas. Sem dúvida, a garantia e o acesso efetivo a algum tipo de remuneração econômica constituem o prelúdio para o processo de emancipação feminina, especialmente numa realidade em que as mulheres continuam excluídas do mercado de trabalho” (SILVA 2018, p. 977).

Entretanto, com a representação feminina nesses espaços, haverá mais democracia para o alcance da igualdade, acabando com a masculinização dos espaços de poder, onde todas as ações políticas são pensadas por homens e para homens.

“Um dos mais importantes desenvolvimentos nas questões de gênero foi o fim da exclusividade masculina na esfera pública e a assunção, oficializada pela legislação, dos mesmos direitos e deveres para todos os cidadãos adultos, independentemente do seu sexo” (MOREIRA, 2017, p.9).

Para Gomes (2015), as mulheres deram uma valiosa contribuição nas zonas libertadas, com o auxílio do programa que foi criada pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), com relação à igualdade de gênero, onde as mulheres e homens gozavam dos mesmos direitos da família, no trabalho e nas atividades públicas.

“A abordagem interseccional assenta-se na mobilização e articulação das diferentes categorias e conceitos como classe, raça, gênero, nação, entre outros para entender a complexidade das condições e relações nas quais as mulheres africanas estão imersas” (GASPARETTO, AMÂNCIO, 2017, p.9).

3 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES GUINEENSE NA POLÍTICA E NA TOMADA DE DECISÕES

“A plena participação das mulheres, em condições de igualdade na vida política, civil, econômica, social e cultural, assim como o seu acesso aos serviços, traduz-se num dos objetivos primários das organizações com vista à erradicação das desigualdades estruturais” (SILVA, 2018, p. 20).

A conquista dos direitos formais, não garantem as mulheres uma participação equitativa nos espaços de poder, com essa fraca representatividade da mulher no espaço de tomada de decisão, acabou estabelecendo os lugares das mulheres na sociedade e a naturalização da desigualdade, mesmo com importante construção das mulheres no processo da independência e o desenvolvimento. Como aponta o artigo Fala di Mindjer (2018), mencionando que na maioria das instituições formais e informais do poder guineense, as mulheres são amplamente inexistentes nos espaços de tomada de decisão, com parlamento, onde existem poucas mulheres no assento parlamentar, seja no alto escalão das forças de Defesa e de Segurança, em que elas só constituem uma porcentagem insignificante do exército, a sub-representação das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau é quase sistemática.

Na Guiné-Bissau, a superioridade masculina se assegura colaborando nas suas estruturas tradicionais, em função e comportamentos das várias pormenores étnicos do país, e num Estado comandado majoritariamente por homens, com uma lógica de funcionamento próprio nos quais a competência das pessoas se fundamenta com base nos valores da masculinidade (MOREIRA, 2017).

A participação ativa da mulher guineense na política é restringida e condicionada por princípios ligados à cultura e tradição por meio dos valores propostos na educação. No entanto, na Guiné-Bissau o pensamento tradicional e costumeira estabeleceu uma construção cultural de relação de poder entre o homem e a mulher e atribuiu a cada um, um determinado papel social de acordo com gênero. No entanto, esse pensamento acabou sendo influenciado devido aos estereótipos de gênero, onde as mulheres acabam por serem definidas como sendo donas de casa, mãe e esposa, independentemente das suas potencialidades, conquistas, e experiências pessoais (FALA DI MINDJER 2018).

No contexto da Guiné-Bissau, a importante participação das mulheres, no processo da independência do país, ajudou no alcance dos objetivos em termos da organização de novas

instituições. Sendo assim, a participação efetiva no movimento de libertação também possibilitou, de forma positiva, a mudança das mentalidades sociais, sobretudo nos meios rurais, em que existia uma maior resistência quanto à presença feminina nos lugares de decisão (SILVA, 2018).

De acordo com Pereira (2017), mesmo existindo leis que determinam uma igualdade entre cidadãos, porém, na prática, elas não se aplicam dentro do cenário político e social guineense em virtude de que os políticos usam o poder para os benefícios próprios, em desvantagem das necessidades coletivo. Nessa lógica fico incontestável a desigualdade diante de pouca, ou seja, uma fraca porcentagem das mulheres nos ambientes públicos, principalmente nas tomadas das decisões organizacionais na Guiné-Bissau, essas indisponibilidades acabam tornando isso um problema. Portanto, para Pereira, para além de empecilhos sociais, precisamos considerar o aspecto cultural nas quais os papéis das mulheres sempre são questionados pelas inexperiências no quesito poder da decisão na esfera política. Ela ainda salienta que, embora tentando diversas vezes com o propósito de demonstrar a competência das mulheres no que se refere ao cargo de comando, elas ainda permanecem sendo marginalizadas como se não tivessem uma inteligência perante suas próprias decisões.

Desde os tempos da resistência à conquista colonial e durante a luta da independência, as mulheres da Guiné-Bissau estiveram ao lado dos homens. Para tanto, elas corroboraram e mostraram que são capazes de se comprometerem em operação em conveniência da preservação e da restauração da liberdade apossada durante a experiência colonial. Autora ressaltou a importante colaboração de algumas mulheres valentes como: a rainha Pampa da sociedade Bijagó que, no começo do século XX, mostrou sua bravura travando uma batalha decisivamente contra a infiltração portuguesa; as histórias de mulheres responsáveis políticas como Carmem Pereira ou Teodora Inácia Gomes, ou de comandantes militares como Titina Sila, ou de governantes de largas regiões como Francisca Pereira, histórias de mulheres como Tenem Camará, membro de um dos Tribunais Populares instituídos nas áreas libertadas, nos anos 60 do século XX; também as experiências históricas de Ana Lopes, de Lurdes Vaz e de Nhima Muskuta Turé, técnicas especializadas, enfermeiras e membros das milícias populares, entretanto, todas as mulheres deram suas valiosas contribuições de outra perspectiva da história que busca resgatar as experiências políticas e sociais de homens e de mulheres, nessa perspectiva, tentando um duradouro reconhecimento social e da busca da dignidade. (GOMES, 2016).

No entanto, apesar da forte participação das mulheres no contexto anterior e posterior à independência, elas foram relegadas a uma posição de subordinação e fragilidade,

principalmente na esfera política e nos espaços de tomada de decisão. Independentemente do envolvimento das mulheres guineenses nas lutas de libertação nacional, a situação de marginalização continuou após a independência e até os dias atuais. Entretanto, as ideologias de igualdade disseminados pelo PAIGC não modificaram a realidade vivida pelas mulheres, especialmente, aquelas das áreas rurais. Porém, as perspectivas ocidentais, instituídas durante a colonização, também contribuíram para a degradação da condição feminina (SILVA, 2018).

Conforme Gomes (2015), a luta da libertação, deu avanços e progresso em relação a determinados temas e certas categorias de mulheres, principalmente no que pertence à igualdade jurídica. Todavia, mulheres que tinham participado ativamente no processo da libertação, em posição de menos destaque, muitas delas provenientes das zonas rurais do país, que acabaram ficando em desvantagem em relação ao processo de reconstrução, após a independência, outras por motivos da sua baixa escolaridade, outras porque as escolhas políticas e as ações concretas do novo poder estabelecido que na maioria das vezes acabam favorecendo o desenvolvimento urbano, causando prejuízo o mundo rural.

Segundo Santos, a Organização das Nações Unidas (ONU) é uma das organizações que ressalta a relevância de uma missão plural, melhor dizendo, “que acentua a participação dos homens e não só, como também das mulheres de diversos países, com suas experiências pessoais e profissionais distintas, necessários para desempenhar melhor os maiores números de problemas” (SANTOS, 2014, p.21).

O Santos ainda salienta que, há vinte anos, os Estados-Membros da ONU reconheceram o importante desempenho das mulheres na gestão do meio ambiente e desenvolvimento. Consequentemente, a valiosa contribuição das mulheres foi extremamente importante para o alcance do desenvolvimento sustentável. Todavia, mesmo após vinte anos, ainda existe uma longa caminhada a ser trilhado para acabar com a discriminação e a violência contra as mulheres e, assim, conseguir alcançar a oportunidade, direitos, e ter uma participação excepcionalmente igualitária igual aos homens (SANTOS, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi referido no início da nossa reflexão, presente artigo pretende analisar a importância das mulheres no âmbito sociocultural na Guiné-Bissau. Em consideração a isso, me despertou o interesse em pesquisar sobre o assunto e, tentar compreender a desigualdade de gênero, que é um assunto de grande relevância social. Pois, durante as investigações, percebe-se que a desigualdade entre homens e mulheres não é elevatório, ela se dá a partir de uma herança cultural que diz, que o papel da mulher é de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, visto que, elas não sabem lidar com o poder.

Portanto, essas discriminações são naturalizadas, uma vez que, desde criança, os meninos já são criados para competirem, serem determinados e se mostrarem, enquanto, as meninas devem ser obedientes e submissas. Essas discrepâncias de gêneros, só reforça o estereótipo de que o homem, é o provedor e a mulher é dona de casa.

Excepcionalmente, diante da metodologia proposta para a coleta de dados, percebe-se que, o problema de gênero continua longe de se resolver, pois, a divisão do trabalho entre homens e mulheres, acaba reproduzindo a exclusão feminina na esfera social. No entanto, poderia ter tido uma coleta de dados pessoalmente com as mulheres em Guiné-Bissau, porém, diante da limitação geográfica, só foi possível analisar mediante uma revisão bibliográfica.

Por fim, podemos perceber que, embora tenham efetuado esforços, significativos, sobre a participação política das mulheres no novo Estado da Guiné-Bissau, essa integração ainda é muito precária. Acredito que com a participação da feminina nos locais de tomada de decisões, as políticas públicas serão mais inclusivas e mais representativa. Entretanto, ainda existe uma diferença bastante acentuada na maioria das posições do mercado de trabalho, uma dificuldade de ascensão aos cargos de diretoria para as mulheres. Precisamos do equilíbrio nos espaços privado que é fundamental para a transformação do espaço público e da paridade de gênero, visto que as mulheres representam mais da metade de sociedade e, tendo mais elas nesses espaços, garantem políticas públicas mais efetivas.

REFERÊNCIAS

- ADESINA, Jimi. **Práticas da Sociologia Africana: Lições de endogeneidade e gênero na academia**: CRUZ e SILVA, Teresa, COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. 2012, p. 195-210.
- AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: Nação, Identidade e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARROS, Miguel; SEMEDO, Odete. **A Participação das Mulheres na Política e na Tomada de Decisão na Guiné-Bissau: da consciência, percepção à prática política**. Guiné-Bissau: UNIOGBIS, 2013.
- BORGES, Maria Manuela. **As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural**. Revista Educação em Questão, v. 22, n. 8, p. 7-33, 2005.
- FALA DI MINDJER. **Além da pressão social e das barreiras institucionais: o papel das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau**. Guiné-Bissau, Bairro do Enterramento, 2018.
- GASPARETTO, Vera; AMÂNCIO, H. **Gênero e feminismos em África: temas, problemas e perspectivas analíticas**. Simpósio Temático: leituras e olhares de (e) sobre África em perspectiva de gênero. Trajetórias, construções e percursos. Anais do 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero, v. 11, 2017.
- GOMES, Peti Mama; MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Os Desafios da Lei de Paridade na sua Dimensão Social e Política**. Cadernos de África Contemporânea, v. 3, n. 6, p. 146-156, 2020.
- GOMES, Patrícia Godinho. **Na senda da luta pela paz e igualdade. O contributo das mulheres guineenses**". In, 2013.
- GOMES, Patrícia Godinho. **"As outras vozes": Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau**. ODEERE, v. 1, n. 1, p. 121-145, 2016.
- GOMES, Patrícia Godinho. **O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar**. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História, v. 12, n. 19, 2015.
- MBUNDÉ, Daiana Fernando. **Mandjuandade como espaço de luta pela emancipação feminina no contexto social e econômico na Guiné-Bissau**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 13, n. 36, p. 141-162, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** CODESRIA Gender Series, 1: 1-8, 2004.

PEREIRA, Manuela Gomes. **A inclusão das mulheres na política da Guiné-Bissau depois da introdução do regime democrático em 1994.** 2007.

SANCA, Naentrem Manuel Oliveira. **Inserção da mulher na carreira diplomática em Guiné-Bissau.** 2019.

SANTOS, Sara Isabel Palma. **O papel das mulheres nos processos de (re) construção da paz. O caso da Guiné-Bissau.** Tese de Doutorado. Universidade de Evora (Portugal)., 2014.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Lutas e Formas de Organização Feminina em África: considerações sobre Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde.** Revista de Políticas Públicas, 22: 969-986, 2018.